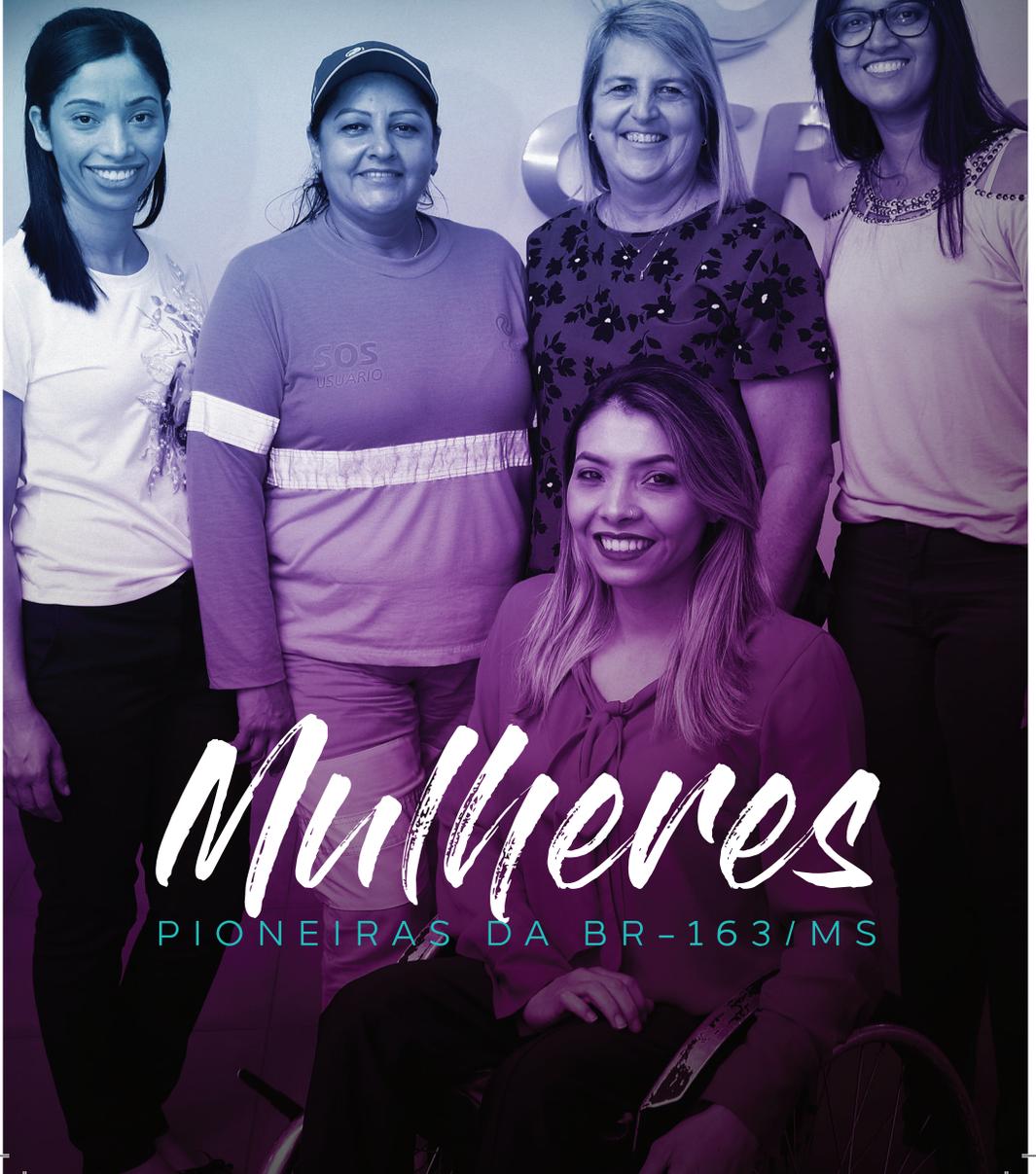




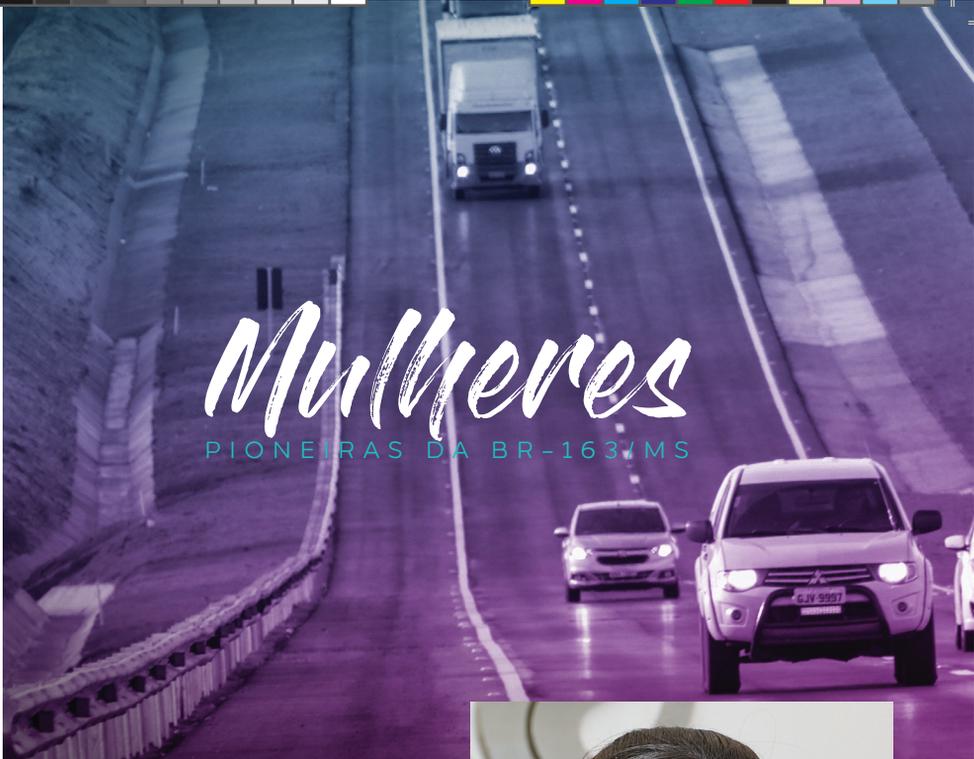
CCR MS Via

MARÇO DE 2019 | ANO IV | Nº 54



Mulheres

PIONEIRAS DA BR-163/MS



Mulheres

PIONEIRAS DA BR-163/MS

Na CCR MSVia, dos cerca de 770 colaboradores que atuam em Mato Grosso do Sul, mais de 300 são mulheres, ou seja, quase 40%. Elas desempenham funções que em geral são realizadas pelos homens e mostram que sexo ou idade não determinam o quão reconhecido se pode ser dentro uma grande empresa. Basta ter determinação e dedicação.

Prova disso é a coordenadora de arrecadação do trecho centro-norte da BR-163/MS Valquíria Mariza Ritter. Natural de Eldorado (MS), ela iniciou na Concessionária em 2015 como liderança na praça de pedágio de Mundo Novo e dois anos depois já coordenava todas as equipes de arrecadação desde Anhanduí até Sonora. Mas mal ela sabia que sua história na empresa já tinha começado antes mesmo de participar de qualquer processo seletivo. “Eu havia participado de uma ação promovida pela



Valquíria Mariza Ritter
Coordenadora de arrecadação

Concessionária em Dourados. Eu fazia aula em uma escola de cabeleireiros que fez parceria para participar do evento e eu fui. Quem diria que um tempo depois eu estaria do outro lado como colaboradora direta da CCR”, conta.



A proposta partiu de sua irmã, que já atuava no Atendimento Pré-Hospitalar (APH) do Serviço de Atendimento ao Usuário (SAU). “Ela sempre me dizia que era um ótimo lugar para se trabalhar e um dia ela me falou do processo seletivo para arrecadadora. Então eu fui para descobrir o que é que a CCR tinha, afinal”, lembra. “No dia que eu fui selecionada, saiu também minha bolsa para o Prouni e liguei para avisar minha irmã. Nisso, ela me contou que tinha aberto uma vaga para líder de arrecadação, ou seja, um cargo acima do que eu havia me candidatado e sido escolhida. Após passar por um outro processo para essa vaga específica, fui aprovada”.

A partir daí foi tudo muito rápido. Um desafio atrás do outro, sempre superados. “Eu me encontrei aqui, e por isso tudo fica mais fácil, tudo é melhor quando se faz o que se gosta”. Um episódio que ela conta foi de um cami-

nhoneiro que atravessou o veículo na pista, fechando o acesso às cabines. “Cheguei lá e fui conversar com ele, explicar que ele não poderia fazer aquilo, que estava atrapalhando a viagem de outras pessoas muito mais do que o nosso trabalho. Ele estava muito nervoso, e creio que o fato de estar calma e conversar tranquilamente com ele ajudou a resolver a situação sem precisar acionar a polícia. Muitas vezes alguns motoristas acham que, por ser mulher, podem chegar gritando e me ofendendo. Vai de a gente saber como contornar isso”, pontua Valquíria.

Hoje, a ‘destemida’ Val, como é chamada pelas equipes que lidera, é um espelho para quem almeja chegar mais longe no grupo. “Minha referência sempre foi a Lilian, que me ensinou muito, e busco passar para minhas equipes os mesmos valores que ela me passou, aliados aos meus. Dê sempre o seu melhor e trabalhe feliz”, afirma.



A Lilian a que ela se refere é a paulista Lilian da Costa Acar, que atua no grupo CCR há quase 20 anos. Ela também entrou na empresa como líder de arrecadação, porém no Estado de São Paulo. Formada em Educação Física, ela nunca chegou a atuar na área, mas é modelo de liderança para todos os seus liderados da CCR MSVia.

Atuando em MS desde o início da concessão, ela conta que conhece cada colaborador desde a época das entrevistas. “Tudo que eu aprendi nesse tempo todo eu busco passar para eles. Vejo esse retorno também da parte deles, de querer sempre aprender mais”, explica.

Acostumada a desafios, ela conta que a implantação da MSVia trouxe novas sensações. “Houve sim alguns momentos em que achei que não daria conta, afinal, estava sozinha em outro Estado onde não conhecia nada nem ninguém. Vim um pouco antes para Campo Grande para conhecer o trecho, e posteriormente me mudei para Dourados. Hoje, depois de quatro anos, todo mundo se conhece já”, lembra ela. “Foi difícil deixar toda a família em SP, longe. Em contrapartida, o apoio incondicional é fundamental para dar certo. Eles sabiam que era para o meu crescimento profissional e me apoiaram desde o início. Atualmente meu marido mora comigo, mas o resto da família, inclusive meu filho único, continua morando em SP”, conta. “No nosso trabalho, é preciso fazer escolhas constantemente, e muitas delas

Lilian da Costa Acar

Líder de arrecadação

envolvem transferências. Amo o que eu faço, adoro estar na estrada, tratar com pessoas. E isso é o que procuro passar sempre, tanto para minhas equipes quanto para o usuário. Saber tratar bem a todos, indistintamente. Não há nada mais gostoso do que trabalhar num lugar com bom humor, harmonia, humildade e principalmente, com o coração”.

Exemplo disso é um caso de um atendimento feito por ela a um acidente certa vez. A mulher estava muito assustada devido a um capotamento e, então, ela sentou junto da usúria da rodovia e começou a conversar para acalmá-la. Conversa vai conversa vem, Lilian descobriu que a moça iria se casar e alguns materiais estavam no carro capotado. Prontamente, ela levantou-se e começou a tirar as coisas de dentro do veículo. “Tempos depois ela me mandou várias mensagens agradecendo por tudo que eu fiz, que fiquei junto dela esperando o guincho. Na verdade, o que ela mais precisava era conversar com alguém”, finaliza.



A Elenir Almeida Rosa também já está acostumada a interagir com o público. Aliás, o sonho dela sempre foi dirigir e na CCR ela pôde realizar esse sonho. Atualmente, ela é responsável pela direção da viatura de inspeção, que monitora a BR-163/MS 24 horas, todos os dias, e pelo guincho leve, que faz a remoção de veículos leves, no trecho de Campo Grande. Mas ela quer mais.

“Desde o meu primeiro emprego, sempre fui motorista. Já dirigi van, ônibus circular, caminhão e agora guincho. Estou tirando minha habilitação de categoria E para poder trabalhar no guincho pesado e ser a primeira mulher da CCR MSVia a guiar esse tipo de viatura. Estou muito feliz”, destaca Elenir, que já está fazendo os treinamentos para atuar na nova função.

Ao contar sobre a sua profissão, a agente de monitoramento faz parecer fácil a sua rotina. Porém, ela detalha que não é bem assim. “Não são poucos os usuários que estranham ao ver uma mulher descer do guincho para realizar o atendimento. Certa vez o motorista me perguntou se eu daria conta do serviço, acredita?”, e ri. “Ao final do atendimento ele ficou admirado e me elogiou. Mas de maneira geral, eles acham muito legal o fato de uma mulher estar dirigindo um guincho”.

Elenir Almeida Rosa

Agente de atendimento e monitoramento

A vida atrás do volante passou de geração e o filho também seguiu os passos da mãe. Ademir tem 24 anos e trabalha desde os 18 no ramo de transportes, inspirado pela mãe e pelo pai. “Ele está seguindo a mesma ordem que eu fiz, primeiro com ônibus e agora carreteiro. Eu queria que ele fizesse uma faculdade, mas tenho muito orgulho dele por exercer essa profissão”.

Ao ser perguntada se ela acha estranho uma mulher exercer a profissão que trabalha, ela é categórica. “Nunca pensei isso. Sempre pensei ‘eu sou capaz’. Basta querer. Primeiro de tudo é preciso ter autoconfiança. Depois, vontade de aprender e trabalhar com empenho”, pontua. Por fim, ela conclama as mulheres que gostam de dirigir para que façam como ela e toquem o desafio. “Muitas mulheres já colocam obstáculo antes mesmo de tentarem. É simples, se o homem consegue, é claro que a mulher também vai conseguir!”.





Degiane de Souza Silva

Coordenadora de conservação



Elisângela Paulina Loureiro Valiente

Assistente administrativa

A rio-verdense Degiane de Souza Silva também reforça esse ponto. Colaboradora da CCR MSVia desde o início da concessão em 2014, ela começou como supervisora administrativa de conserva no trecho norte e hoje é engenheira civil e coordenadora de conservação do trecho norte da rodovia.

Em contato direto com empresas terceirizadas quase que diariamente, ela conta que o começo foi bem difícil, até conquistar o merecido respeito e reconhecimento da maioria dos homens. “Quando eu chegava nas frentes de serviço, quase sempre eu ouvia ‘nossa, é uma mulher’. Uma vez fui fazer uma verificação em uma obra e estava descendo por uma drenagem e todo mundo me olhando com aquela cara estranha. Daí eu perguntei se estava tudo bem e eles me responderam que sim, é que nunca tinham visto uma mulher descer em uma drenagem”, conta sorrindo, “no que eu respondi ‘agora vocês vão ver muito’”.

Para ela, são muitos os paradigmas que precisam ser quebrados diariamente pelas mu-

heres para mostrarem aos homens que elas são, sim, capazes de realizar as mesmas tarefas que os homens. “Nós mulheres, temos uma visão diferente da dos homens, somos mais detalhistas, e isso é essencial na função que eu exerço, pois precisamos levantar os problemas e achar soluções para tornar a rodovia mais segura”.

Além disso, ela destaca o apoio do marido na tomada de decisões e na lida com outros assuntos profissionais. “É normal ter um pouco de ciúme, pois meu ambiente de trabalho é quase que 100% masculino. Mas ele sabe dos meus desafios e sempre troca experiências comigo sobre o melhor jeito de resolver qualquer assunto”, diz. Ao ser perguntada sobre o que ela traz de especial para o trabalho, ela responde com tranquilidade. “Tem que ter muito coração. Amor pelo que faz, pelas pessoas ao seu redor. Para se fazer algo com qualidade, é preciso gostar do que se faz. Acordar todo dia pensando em fazer melhor que no dia anterior, é isso que eu prego, sempre com foco e determinação”.

Nascida em Pedro Juan Caballero, cidade do Paraguai que faz fronteira com o Brasil, a agente administrativa Elisângela Paulina Loureiro Valiente é exemplo de determinação e força de vontade. Com 28 anos, ela é a filha do meio de três irmãs. Amante dos esportes, começou na natação aos 9 anos, migrou para o basquete aos 11 e, devido à falta de meninas para formar um time, foi levada para o atletismo, nas categorias de arremesso de peso, dardo e disco, esporte que a projetou para a seleção brasileira juvenil paralímpica em 2008. Não bastasse, ela ainda praticou canoagem por hobby.

“Uma das minhas maiores conquistas foi uma competição que participei em New Jersey, nos Estados Unidos, onde fiquei em quarto lugar, faltando 1 centímetro para a medalha. Depois comecei a faculdade de Educação Física e acabei tendo que escolher entre estudar e competir por conta do estágio obrigatório, daí optei pelos estudos. Infelizmente faltou o último semestre para me formar”, conta ela.

Então ela começou a trabalhar voluntariamente com políticas públicas voltadas para a saúde da mulher com deficiência, onde continuou por um ano. A ideia era apresentar aos responsáveis legislativos projetos que promovessem a saúde pública da mulher com deficiência. Por divergências políticas, o projeto foi descontinuado e uma nova oportunidade apareceu. “Comecei brincando de fotografar com um amigo meu e acabei virando modelo fotográfica, o que faço até hoje, inclusive com projetos e parcerias já estabelecidas”, comenta. Ao mesmo tempo, ela trabalha como assistente administrativa na

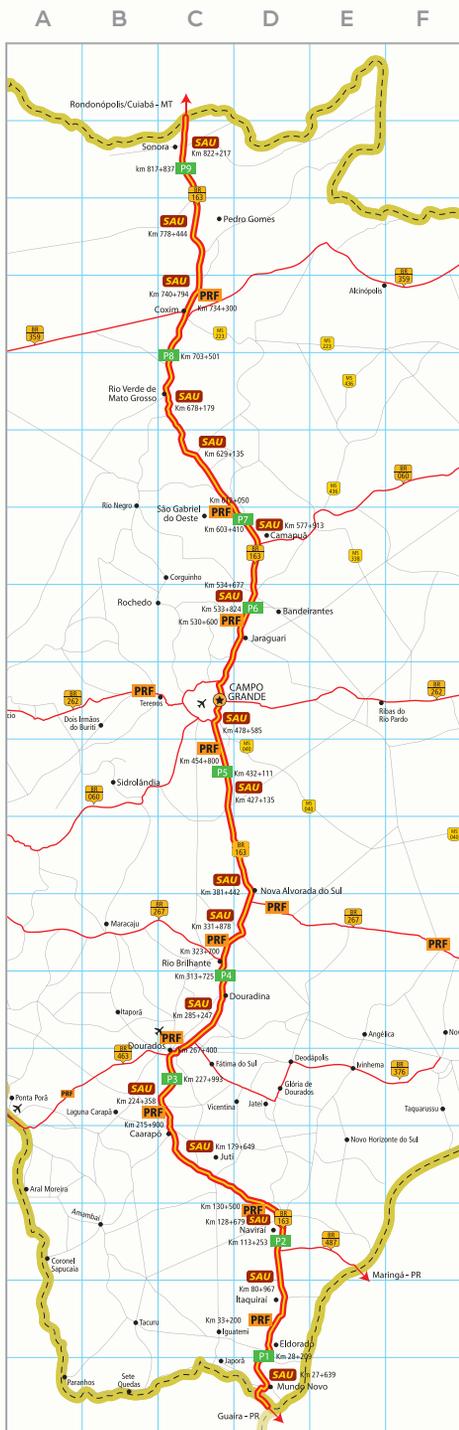
área de tecnologia da informação na MSVIA.

“São poucas as empresas que têm acessibilidade de fato, e aqui na MSVIA ela é muito boa. Emprego para pessoa com deficiência tem, o que não tem são empresas com acessibilidade. Quando a gente fala sobre isso as pessoas pensam que é só uma rampa e um banheiro adaptado. É muito mais do que isso, precisa de um bebedor adaptado, o chão tem que ser plano, entre várias outras coisas”, enumera.

Elisângela é portadora de uma síndrome chamada artrogrípose múltipla congênita, ‘prima’ da poliomielite. “Essa síndrome aparece de duas maneiras: geneticamente ou quando a mãe tem um problema no útero e a criança pode vir a desenvolver essa síndrome, que é o meu caso. Aliado a isso minha mãe teve um acidente no parto. Na época que nasci no Paraguai, ao chegar ao hospital você escolhia uma parteira pois não existia uma pessoa qualificada para realizar o procedimento médico. Então ela me puxou pelo fórceps e me quebrou da bacia para baixo. Desde então fiquei na cadeira de rodas”.

Mas para ela, a deficiência nunca foi motivo de desculpas, muito pelo contrário. “Ser mulher hoje em dia no Brasil é muito difícil. Ser mulher e ter uma deficiência é mais difícil ainda. Busque o empoderamento dentro de você. A mudança está dentro da gente, se a gente não mudar, as pessoas também não vão. A partir do momento em que a gente se aceita e se empodera, conseguimos tudo o que nós queremos. A limitação não está na nossa deficiência, está na nossa cabeça”, finaliza.





LOCALIDADE	KM DE ACESSO NA BR-163	KM ATÉ A CIDADE
Sonora	838	-
Pedro Gomes	768	16
Coxim	730	-
Rio Verde de Mato Grosso	681	-
São Gabriel do Oeste	616	-
Camapuã	575	45
Bandeirantes	548	-
Rochedo	529	57
Jaraguari	527	-
Campo Grande	480	-
Sidrolândia	466	69
Nova Alvorada do Sul	365	-
Rio Brilhante	320	-
Douradina	291	06
Dourados	260	-
Caarapó	208	-
Juti	172	-
Naviraí	127	-
Itaquiraí	76	-
Eldorado	40	-
Mundo Novo	19	-

LEGENDA

- BR-163
- Rodovias Federais
- Rodovias Estaduais
- Divisa (entre estados)
- Posto de Cobrança
- Polícia Rodoviária Federal
- Aeroporto
- Base do SAU - Serviço de Atendimento ao Usuário

Disque CCR MSVia
0800 6480163